

UM DIA SEM PROFESSOR: A SAGA EM BUSCA DO RECONHECIMENTO SOB A METÁFORA DAS IMAGENS

JAIRO DE CARVALHO GUIMARÃES¹

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir o caráter de indispensabilidade do professor no contexto social, político, econômico e cultural atual, tomando como ponto de partida a instabilidade das relações sociais, reflexo do modelo capitalista impositivo, as quais tendem a definir novos desenhos de atuação e responsabilidades do principal operador educacional. Para desenvolver a proposta ensaísta, recorre-se à metáfora das imagens sugeridas por Morgan (2009) como balizadora da estrutura teórica, comparando o docente à chama, ao tempo, ao vazio, ao construtor e à ponte, na tentativa de justificar que um dia sem professor quase sempre passa despercebido pelo conjunto da sociedade, a qual atualmente move-se induzida e preocupada em acumular patrimônio e responder celeremente aos apelos do sistema consumista, a ter que despender empenho, compreensão e dedicação em benefício da consolidação dos valores éticos, culturais e simbólicos, cuja responsabilização, neste caso, passa a ser atribuída ao professor universitário.

Palavras-chave: Docente. Imagens. Valorização.

Abstract: The objective of this paper is to discuss the indispensable character of the teacher in social, political, economic and cultural current, taking as its starting point the instability of social relations, reflecting the imposing capitalist model, which tend to set new performance designs and agent responsibilities of the primary education. To develop the proposal essayist, resorts to the metaphor of the images suggested by Morgan (2009) as guiding the theoretical framework, comparing the teaching flame, the time to empty, the builder and the bridge in an attempt to justify one day without teacher often goes unnoticed by society, which currently moves induced and concerned with accumulating wealth and swiftly respond to calls from the consumer system, to have to spend commitment, understanding and dedication for the benefit of the consolidation of the ethical, cultural values and symbolic, whose accountability in this case happens to be assigned to the university teacher.

Keywords: Teacher. Images. Valuation.

¹ Doutor em Educação (UFRJ). Mestre em Administração e Controladoria (UFC). Especialista em Contabilidade e Planejamento Tributário (UFC). Graduado em Administração (FACE). Pesquisador do NIPEPP – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Epistemologia da Prática Profissional. Professor Adjunto I do Curso de Administração do *Campus* Amílcar Ferreira Sobral. E-mail jairoguimaraes@ufpi.edu.br.

INTRODUÇÃO

Muito provavelmente alguém em algum ponto remoto do planeta já deve ter pensado em como seria um dia – apenas um, não mais que isto – sem o professor. Pode ter pensado e pode ter escrito algo a respeito. Pode ter imaginado e descartado a ideia de esboçar alguma formalização que desenvolvesse uma proposta acerca da repercussão que um dia sem o professor pudesse causar no conjunto da sociedade. É fato que tantas outras situações, tantos outros eventos e mesmo um percentual expressivo de relações situadas e em formação representam a desnaturalização do significado verdadeiro que se concebe à Educação. A depender do fato (ou da atitude), a Educação não passa de mais uma dificuldade – supostamente dentre tantas outras mais importantes – que deve ser superada como alternativa única visando à ascensão profissional e social, possivelmente imaginam muitos.

A Educação, interpretada como o método que intenciona assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e ético do ser humano, parece constituir um elemento secundário no processo de construção das relações societárias vigentes. Com alguma frequência, a geração atual desqualifica, inadvertidamente, a Educação em razão da força que detém a autopromoção, facilmente obtida pela instrumentalização permissiva das redes sociais. Os valores éticos, estéticos, morais, culturais e simbólicos, fundamentais para promover a emancipação do indivíduo, torna-se um produto descartável, adiável, supérfluo, como os objetos e produtos que dada à obsolescência e à moda implacável movimenta as emoções e as fantasias das pessoas.

Isto porque, obcecados pela reedição e reprodução tempestiva das “descobertas digitais”, o indivíduo põe em segundo plano o plano que insofismavelmente o levará para um espaço de conquistas e avanços. Este espaço é a universidade, *lócus* privilegiados, onde se processam – emocional, física, epistemológica, estética, ética, atitudinal, política e culturalmente – os esforços concentrados de atores diversos na tentativa de formação do novo homem social, complexo em toda a sua exuberância e sagacidade. É certo que para que se consigne o valor e o reconhecimento devidos ao professor, agente legítimo de autoridade e transformação cognitiva do sujeito que se intenciona re (formar), o espaço é útil enquanto mero objeto de circunscrição do ato

pedagógico, pois “estar” e “ser” professor não têm dependência com as fronteiras do ilimitado e provisório conhecimento.

Na tentativa de desfazer o descarte do futuro, em razão da tenacidade efêmera que move os instintos humanos da atualidade, e na busca de reunir competências (conjunto de habilidades, conhecimento, destrezas, atitudes) aspirando à consolidação do processo de metamorfose mental do sujeito a quem se destina o seu empenho e desempenho, o professor forma e ao mesmo tempo se autoforma ou, como aponta Freire (2011, p. 25), “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. O professor ao formar está concomitantemente se re-formando, mas isto só é possível se a sinergia didático-pedagógica advier de intenção transgressora, cujo deslinde se consubstancia na reciclagem de imagens, mentes e atitudes, condição oposta do descarte.

Porém o descarte, institucionalizado no cotidiano das pessoas e em seu contexto social, composto não apenas de produtos e bens, revela seu lado menos nobre, visto que também dispensa as pessoas, cuja justificação pode ser dada pelo caráter admoestador e ameaçador que instiga ou pelo simples fato de compor uma tribo incompatibilizada com o conteúdo e a forma do grupo de quem rejeita. Sim, a velocidade das mudanças e a transmutação dos valores que dependem das contingências e interesses têm contribuído para a dispensa peremptória e compulsória de indivíduos que não se adaptam aos grupos, às tribos, às galeras, às turmas, à moçada, às novas relações sociais que desfazem os sentidos genuínos que as formações humanas com viés preponderantemente propositivo demonstram.

No deslinde do exemplo, a água (docente) é jogada junto com o bebê (sistema educacional), porque a escola (estrutura física) é visualmente mais atraente – política, simbólica e psicologicamente falando – do que o agente que, de fato, tenta proporcionar a mudança de mentalidade. O professor é simbolizado como um aparelho eletrônico que, superado o momento de euforia tecnológica, é subitamente descartado.

Descartar uma proposição não significa, de plano, amesquinhá-la ou reduzi-la a mera especulação conceitual. Mas o núcleo do descarte deve ser discutido, pois o mérito do abandono pode neste caso representar o desvalor que o pensamento inicialmente concebeu à proposta. Nisso não há demérito algum, exatamente pela força que a proposta de imaginar um dia que fosse com a constatação da ausência do professor no

contexto das relações – sociais, econômicas, culturais, emocionais, artísticas, educacionais, políticas, etc. – pudesse sugerir.

O abandono – da ideia bem elaborada, da aventura mal programada, da proposta estruturada, do amor não correspondido, do curso incompatibilizado, do ente querido intolerante, da postura recalcitrante, da pobreza que envergonha, da moléstia que contagia, do prazer que embaraça, do amigo infiel descoberto, da família desestruturada, da loucura em abstrato ou da dor em concreto, etc. – não representa a pantomima, mas pode inferir a fixação pelo imediatismo desmedido. Pode significar a repugnância de uma situação que coloca em risco a própria existência física, mas de reduzida repercussão no aspecto cognitivo. Tudo é, assim, ficção. O professor é uma ficção, aos olhos de quem só dispõe em seu favor de substância muscular e nenhum *fitness* mental.

O fato é que analisando o atual conjunto das relações sociais, políticas e históricas estabelecidas, admite-se como natural não só um, mas vários dias sem professor. De tão comum, tornou-se vulgarmente aceito. Para efeito de comparação, as pessoas tendem a rechaçar com vigor: o atraso do voo causado pelo mau tempo, a falta do gerente do banco responsável pela concessão do empréstimo, a unidade do SAMU que ainda não chegou, a perda do celular, a morosidade do Poder Judiciário, a insegurança pública, a queda do time preferido para uma divisão inferior, a bebida injustificadamente quente. Rechaçam, rebelam-se e reagem sem parcimônia. Mas o não comparecimento do professor em sala de aula, para muitos, é motivo de júbilo! Com relativa margem de convicção, nas Instituições Públicas a falta do professor é comemorada por alguns justificáveis e surpreendentes motivos: haverá menos matéria a ser exigida nas provas; ter-se-á mais tempo para o lazer, o ócio e o acesso ao *Facebook*; implica na amenização sumária das cobranças por empenho e realização de tarefas acadêmicas por parte do professor, entre outros. Ou seja, menos compromisso, mais recreação, como se a vida fosse eternamente um passeio, um piquenique não planejado.

Como veio catalisador presente nos mais complexos embates posicionais da atualidade, em que as pessoas açodadamente alcançam seus objetivos sem antes mesmo promover qualquer referência pleiteante – ou seja, obtêm seus propósitos, em certas situações, no grito, por meio do “jeitinho” já institucionalizado na cultura tupiniquim, pela influência política assegurada de uma maneira amesquinhada e cooptada ou

através de meios reconhecidamente escusos – ao professor deve caber uma consideração que assegure sua insofismável participação na atenuação de contextos tão ambíguos e controversos. A questão ética tem sido tratada com desinteresse no ambiente acadêmico, talvez pela complexificação das relações sociais que têm convertido o antes debate profundo em momentos de sintomático enfrentamento, porque a juventude firma seu ponto de vista com desprezo aos valores que, de fato, orientam e legitimam a conduta humana.

Neste aspecto, o professor sente-se tolhido em muitas ocasiões em levantar a bandeira ética como recurso definitivo para a convivência harmoniosa da humanidade, porque os exemplos morais atuais destoam escancaradamente daquilo que se pode desenvolver no seio familiar e no ambiente educacional. Na arena política nacional – como exemplo primeiro e mais importante – o discurso situa-se em posição oposta à conduta, e ética, acima de tudo, é comportamento vigiado.

Talvez pela condição humana vigente, cuja orientação central é que as coisas – objetivos, propósitos, sonhos, necessidades, modelos – são obtidas independentemente dos meios e maneiras utilizados, estimulado pela lógica do mercado que determina o consumo como meta maior a ser superada para atenuar os conflitos emocionais, materiais e psicológicos que a todos aflige (SANTOS, 2013; LIPOVETSKY, 2004; BAUMAN, 2001), as pessoas estejam mais preocupadas com o imediato do que com o programático, apreciam o conjuntural latente ao estrutural subjacente, optam pelo efêmero prazeroso em detrimento da conquista demorada e extenuante. Por isso é que a ausência do professor não é tão sentida se comparada à perda do *smartphone*, pois o parâmetro é o fato consumado e, neste caso específico, a educação pode ser adiada, a mensagem via SMS ou a postagem de *selfie* no *Facebook*, não. Em interessante ponto de vista, Bauman (2013, p. 53) faz o seguinte comentário na relação entre a juventude e a educação:

[...] (de fato, o Estado decidiu lavar as mãos da obrigação de “educar o povo”, de forma gritante no caso das áreas “de ponta” ou de excelência, mas também, de modo um pouco menos direto – como mostra a ideia de substituir as escolas secundárias administradas pelo Estado por “academias” dirigidas pelo mercado de consumo –, nos níveis destinados a determinar o volume total de conhecimento e habilidades que a nação tem à sua disposição, assim como sua distribuição entre as categorias populacionais), são testemunhas da

perda de interesse na juventude como futura elite política e cultural da nação. Por outro lado, o Facebook, por exemplo, assim como outros “sites sociais”, está abrindo novíssimas paisagens para agências que tendem a se concentrar nos jovens e trata-los basicamente como “terras virgens” à espera de conquista e exploração pelo avanço das tropas consumistas.

Ou seja, a tensão emoldurada não é pelo futuro que inexorável e supostamente está reservado às pessoas, mas pelo presente cada vez mais materializado pela obtenção de conquistas efêmeras, não importando se a satisfação se sobrepõe à emancipação e à liberdade, fatores que são suscetíveis de elevado empenho, esforço e determinação por parte do indivíduo. O peremptório se resume à instantaneidade da sensação e da euforia, pouco importando se o futuro – que será um indistinto algoz pelo arranjo aleatório dos eventos, independentemente da melanina do indivíduo – reserva aos insensatos e imprudentes “modernos” um brinde à irresponsabilidade vigente.

As motivações do jovem são pouco significantes, pois o real sentido é dado pela notoriedade, pela quantidade de cliques na *homepage* ou *blog*, pelas curtidas e admissões de “novos amigos” nas redes sociais, pela explicitação em tempo real da fisionomia por meio de fotos clicadas em posições cada vez mais esdrúxulas, ostentatórias e vulgares, pelas tuitadas a perder de vista, pelos rolezinhos em espaços de consumo extremo. A reversão das expectativas obscurece o caminhar. Como diz Ariely (2012, p. 144),

Nem sempre podemos saber exatamente por que fazemos o que fazemos, escolhemos o que escolhemos ou sentimos o que sentimos. Porém, a obscuridade de nossas motivações reais não nos impede de criar razões que pareçam perfeitamente lógicas para nossas ações, decisões e sentimentos.

Somente por este aspecto, a presença do professor, promovendo a valorização da cultura como mecanismo de emancipação do indivíduo, é digno de registro. Como é sabido, os artefatos culturais podem ser adquiridos no seio da comunidade em que o indivíduo se movimenta e se origina, ou no seu percurso formativo enquanto agente depositário de transformação social, sendo esta uma expectativa notória no ambiente

societário, com elevado destaque no espaço das Universidades Federais que têm *campi* em cidades do interior das regiões mais carentes do Brasil.

A ausência do professor representa não apenas a aquiescência com o descaso, mas sobretudo pode representar a ratificação da conformação com um baixo índice de esperança que muitas pessoas assinalam em suas vidas. Faltar professor, especialmente nas universidades públicas é, antes de qualquer análise conjuntural, tangencial, parabólica ou estrutural, o exemplo não desejado de redução angustiante das possibilidades de mudança social, pois é o educador o mediador necessário para transportar o indivíduo do raso saber para o conhecimento mais apurado e apropriado para a ascensão social, cultural, política e econômica.

Ao conceber a ausência do professor, recorre-se às imagens que Gareth Morgan (2009), de forma peculiar e brilhante, esboçou em seu trabalho ao categorizar as organizações como elementos metaforicamente semelhantes. Morgan teve a inteligência de elencar situações em que as organizações são vistas em uma concepção metafórica e elaborou os fundamentos de sua tentativa – ao cabo, exitosa – de comprovar tais similaridades. Aqui, imagina-se a falta que um professor faz do ponto de vista de algumas imagens: tempo, chama, vazio, ponte, construtor.

O PROFESSOR IMAGINADO COMO O “TEMPO”

Ao cogitar e confrontar o presente e o futuro, há um sentido mais acurado neste pensar dialético: o presente estaria envolto com questões menos efetivas do ponto de vista temporal – mais afeito à perspectiva estética – embora em seu entorno possam vigorar sensações que remetam a ação para um estágio adiante. O futuro, por outro lado, não é concebido pela imediatez da iniciativa, mas pela implementação de passos e etapas pensados como se um planejamento escrito não fosse capaz de, por si só, dar cabo a tamanha façanha: estruturar hoje o que se pretende projetar sem dispor de indicadores fiéis de como este devir ocorrerá. Este é o mistério não só da fé, mas da Filosofia que desabitua as pessoas a pensarem na contramão do senso comum. Decidir orientado pelo senso comum revela menos risco e enfrentar situações de elevada tensão e adrenalina afugenta muitos dos jovens, até porque o tempo urge e o professor, neste aspecto, advém como medida adequada para abreviar o percurso formativo do “interessado”.

Pois bem, se o presente é tudo que se move de forma extemporânea, na medida em que é precedido pelo afã de auferimento tempestivo de algo muitas vezes não previamente projetado – melhor explicando: determinadas atitudes são exercidas e impulsionadas em decorrência de oportunidades imediatas, tidas como únicas e inadiáveis – o futuro, por seu turno, é conquistado por uma paulatina, determinada e disciplinada conduta particular, ou seja, a ninguém, além de cada indivíduo, detém a responsabilidade de atuar em seu próprio benefício como requisito elementar para afiançar o futuro. O futuro não pertence a todos, isonomicamente falando.

Se o futuro é o continente posicionado do outro lado do rio e o presente é onde o indivíduo atualmente se encontra, resta a ponte que dará azo à imaginação e imporá medidas para assegurar os recursos necessários que serão empregados com vistas a operar a transposição dos momentos. O presente é o que o indivíduo “é” – e em determinados casos nem é no presente o que aparentemente se mostra – enquanto o futuro representa o que o indivíduo supostamente intenciona “ser”, não havendo garantias de sê-lo pela mera intenção, exigindo de si um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes para tornar viável a projeção esboçada. O professor quer ser, mas não é porque não se apropriou de uma identidade que lhe proteja das inflexões originárias da sociedade, sempre em busca de respostas consistentes e plausíveis. Por este motivo é através das imagens metafóricas que o docente se sente menos inseguro.

Se é no presente que repousa o propósito de mudar a condição vigente, é no futuro que a conquista de fato se consubstancia, e é por meio da educação e do professor enquanto guia e agente de transformação que os sonhos podem ser alimentados. Como o futuro não pertence a ninguém, porque nenhum indivíduo pode reivindicar sê-lo seu proprietário, as coisas vão fluindo não mais em compasso de espera, porque o tempo há muito que deixou de ser dinheiro, sendo vigentemente o fator mais relevante em todas as relações constituídas. Na atualidade, o tempo consegue solucionar mais impasses do que mesmo o dinheiro, a que muitos sequer têm acesso regular. Em crises políticas e morais, é o tempo e não o dinheiro que tem decidido o destino dos malfeitores do dinheiro público. A fome continua grassando e é por causa do tempo que se pede ao faminto que ela tem encontrado suporte. A negociação com a fome é com o imaginário e não com o real.

A arqueologia do caos que Lipovetsky (2004) e Bauman (2001) promovem em suas obras permite consignar ao presente – pós-modernidade na concepção baumaniana e hipermodernidade na visão lipovetskyana – uma condição desfavorável para preparar apropriadamente e sob a aura dos preceitos éticos e morais admitidos o futuro que impõe a todos os seres uma perspectiva no mínimo indecifrável quanto à maneira e estado de sua forma. O que é o caos senão a inversão de etapas e a desconfiguração do tempo, compulsoriamente trazido a jusante e levado a montante pelas mãos imperfeitas do homem? O caos se constitui pela transgressão inconsequente da naturalidade temporal, ou seja, é caracterizado pela ruptura do transcurso regular de etapas, como se a vida humana não exigisse o tempo certo para promover o amadurecimento mental e físico dos seres.

O caos também se promove pela inversão de valores, situação em que as pessoas atravessam as circunstâncias e institucionalizam a quebra do direito alheio com a mesma naturalidade experimentada pelo movimento desprezioso, porém necessário, do caminhar rápido em uma via apinhada de gente. Chegar na frente dos outros representa, certamente, uma indescritível razão de regozijo. Mais uma vez, é o tempo o árbitro dos fortes.

Pelo fator surpresa presente no futuro é que as pessoas tentam, de forma atabalhoada e não raro ilicitamente, garantir a energia, melhor dizendo, as alternativas materiais possíveis para reduzir as incertezas que demonstram ser o grande dilema, o perigoso senão da atualidade. As pessoas normalmente, mesmo vivenciando e contribuindo para instâncias mutantes, não admiram as incertezas, pois viver em zonas permanentes de conforto é uma necessidade de quem não costuma dar ao tempo o tempo suficiente para que as coisas, pós-modificação, acalmem-se. O professor não é mais o tempo que o indivíduo autoconcede para progredir, mas o tempo que lhe foi tomado em substituição a uma oportunidade banal, alicerçada no hedonismo e na ociosidade temporal.

O PROFESSOR IMAGINADO COMO A “CHAMA”

A mente viaja e, seguramente detentora de criatividade, lógica e bom senso tão naturais às pessoas que regularmente processam os aspectos que a situação – um dia sem professor – instiga, desloca o pensador a posições variadas, fruto das tantas

possibilidades um dia sem o professor pode inferir. Como sugere Bachelard (1989), no trabalho “A chama de uma vela”, o pensador diante de uma chama jamais pode extrair ideias e criações se estivesse diante do fogo. Fogo e chama não são indissociáveis em seu aspecto físico-químico, mas o são em sua concepção filosófica-poética-estética. A chama detém o diferencial da reflexão e da contemplação, condições não tributárias ao fogo, para quem não se deve desperdiçar energias estéticas. O elo situacional desloca o pensador da pantomina coreográfica que o fogo incita para a matriz inspiradora que a chama avoca. A expressividade do pensar não detém no fogo o mesmo vigor poético que a chama intenciona e provoca.

A chama é o elemento inspirador do homem que tem medo, removendo-o das fraquezas e titubeações mentais. O professor imaginado como a chama é a mais exata referência para o estudante que espera, a mãe que se angustia, a família que anseia horizontes indubitavelmente promissores. A chama – o professor – vinga na vingança do realizar contra o meramente discursar, do reagir contra o simplesmente reclamar, do enfrentar no embate com o jocosamente recuar, do vigiar em oposição ao abominável punir. A chama instiga, abre caminhos, faz surgir a luz na escuridão da ignorância a ser “geneticamente” modificada. O professor é a chama que abraça a alma, compreende e reconhece o esforço, valoriza a dedicação, aprecia o sofrimento de quem enfrenta todo o tipo de obstáculos para estar em sala de aula, porque entende ser este o meio eficaz de conquistar sonhos, afagos e autoestima.

Por se constituir no amálgama entre o graveto desprovido de orientação e a chama que remove as montanhas da ignorância ou da improvidência, o professor se reveste da incandescência pedagógica para tornar fluida a versão foucaultiana (FOUCAULT, 2006) do panóptico educacional. O professor é a chama que alimenta a esperança, a luz que orienta o incrédulo e o desprovido, a diretriz simbólica que estimula o indivíduo a estancar a angústia e incentivar a reflexão, o paradoxo que promove a crítica, a encruzilhada que não deixa margens para dúvidas, o sensor fotocromático que alivia a nebulosidade passageira da ignorância e da cegueira mental.

O fogo nunca disporá de instrumentos que consigam inspirar o pensador tanto quanto a chama, que suave e silenciosamente – diferente do fogo, que carrega a sina da exposição incontrolável e da arrogância físico-química – remove os maiores obstáculos psicológicos e emocionais para permitir ao idealizador da imensidão filosófica aspergir

suas menções inspiradoras. Em incontáveis ocasiões, o professor se traveste de filósofo, sociólogo, antropólogo, matemático, físico, economista, advogado, assistente social, psicólogo, terapeuta, poeta, artista plástico. É um profissional esteticamente pleno, porque conduz a beleza da transformação e da evolução do outro. Em busca de apoio nestes campos, consegue ser, por fim, educador. Mas só o é quando traz consigo o furor que só uma chama é capaz de revolucionar o ambiente que penetra, chacoalhando o estudante que, paralisado por alguma insensatez ainda não explicada, quer encontrar significado naquela relação que aparentemente não lhe proporciona satisfação corrente.

O PROFESSOR IMAGINADO COMO O “VAZIO”

O vazio não é um espaço previamente reconhecido, ocupado pelo nada, nem um campo onde o tudo se mostra ausente, mas um módulo onde o indecifrável ainda não foi devidamente apropriado. O que o professor é senão um elemento composto de partes reconhecidamente providas de obviedades, e tantas outras desconhecidas e obscuramente envolvidas pelo manto do mistério e da imaginação, cujo domínio único lhe pertence, hipoteticamente exposto, senão pelo apelo sensível ao compartilhamento explícito do que tacitamente absorveu? Desprezar o vazio é abrir mão da oportunidade de preenchê-lo com algo que dê àquele vazio o verdadeiro paladar da pureza, da autenticidade e da verdade. Ocupar o vazio é conceder-lhe significado, removendo-lhe o caráter diletante que a aura imobilizadora do espaço contém.

Desconsiderar o vazio é impossibilitar o preenchimento de sua essência, que se encontra vagando em busca da imperiosa fixação da razão e do sentido. O vazio apenas existe porque outros espaços não prescindem de sua anuência. Assim é o professor, comparado ao vazio aqui relativamente definido: para fazer valer de sua indispensável substância no contexto da formação do indivíduo, o professor a cada encontro mantido com seus discípulos, complementa-se e se integraliza, recorrendo à infinita porção de saberes que o complexo universo pedagógico oferece. Se o conhecimento é provisório, o vazio é um espaço privilegiado para a ocupação intermitente de achados no meio dos perdidos.

O vazio não tem verdade se não for minuciosamente ocupado pelo sujeito ou pelo objeto que transporta a tradução correta do saber e do conhecimento – o professor, o livro. Um vazio sem conhecimento é um vazio explorado parcialmente. O professor é

antes de qualquer veredito um vazio que detém a magia da transformação e da elucidação das aflições dos incultos. É ele quem aporta o navio dos incautos e tímidos, naturalmente desgovernado em razão da escuridão – ou das agruras desnudas da conduta antiética contemporânea – e da turbulência dos novos tempos, libertando-o do vazio que não tem eco, nem cor, nem peso. O professor é a bússola que milimetricamente determina o próximo passo aos que não dispõem ainda de diretrizes, mas também àqueles que detêm o domínio – exceto o mapa para sua segura orientação – de sua pretendida caminhada.

O professor consegue, com sua convencional ausência, fazer do vácuo um valioso ensinamento para aqueles que não têm discernido a quão preciosa é a sua presença. Nunca na história de um campo histórico e energeticamente complexo como a educação percebe-se que aquele agente de transformação e permanente revolução política-cultural-emancipatória detém um tesouro não apenas tácito – traduzido pelos recursos didático-pedagógicos que domina – mas sobremaneira físico-presencial, meramente parecido ao fogo, mas inegavelmente idêntico à chama que tanto Bachelard decantou e encantou em suas lucidezes poético-químicas-apoteóticas.

Supor um “miserável” dia sem o professor – ele (a) que é responsável por entender, conduzir, negociar, debater, argumentar, empenhar todo o seu portfólio técnico em benefício da formação do indivíduo; permanentemente recorrendo à indispensável energia mental que a profissão requer; reunindo a sua virtude emocional para lidar com as formas mais esdrúxulas de envolvimento enquanto agente de transformação; assumindo posições políticas não raro contrárias àquelas que alguns alunos e/ou pares detêm; sobre si sofrendo todo tipo de pressão, cobranças, avaliações; questionado na legitimidade de seus procedimentos; inquirido por definir, como deve ser, determinados pontos de vista em oposição à corrente ideológica estabelecida no espaço escolar, entre outros – é conceber a paralisação da roda da vida por algumas horas. Metaforizar o professor como o vazio não é similar à falsa justificativa do iletramento do ser pelo berço socioeconômico, mas a certeza de que o indivíduo, por uma justa causa, sobressai-se mesmo na falta de ferramentas que lhe deem asas, pois o energético eficaz não se encontra em boates ou botecos, mas nas escolas. Diante das amarelices de muitos, o *Red Bull* é o professor!

O PROFESSOR IMAGINADO COMO A “PONTE”

Quando se atravessa uma ponte, na estrutura natural e cotidiana em que vive o indivíduo, talvez não se tenha a ideia perfeita da sua relevância. A ponte existe para unir aquilo que a natureza – humana, física, animal, geológica, psicológica, social, política, educacional – não conseguiu ainda aproximar. Não há garantias de que a ponte detenha poderes suficientes para juntar o que supostamente resiste à união, mas a sua primordial função é exatamente reduzir as distâncias entre os extremos, porque a completude do contexto se dá por sua indispensável presença. Quando a ponte se desfaz, a margem de cá continua a vigiar a margem de lá. Elas estão lá, todos sabem disso. Mas elas não se tocam, não se energizam, não se complementam, não apreendem quão importante é uma ponte para conceber o verdadeiro sentido às suas existências. O professor não pode se desfazer. A ponte não deve ruir, jamais.

Há margens de rios sem travessia, discursos sem apelo, opiniões sem compreensão, caminhos sem atalho, vidas sem religião, pobreza sem comiseração, presunções sem compaixão, riquezas sem pena, ódios sem impressão, decisões sem consulta, rosas sem beija-flor, mensagens sem tradução, artes sem sensibilidade, ferimentos sem perdão, mortes sem sentido, sentimentos sem autenticidade, conquistas sem harmonia, sucessos sem humildade, falas sem cognição, amores sem concessão, caprichos sem parcimônia, sentenças sem contraditório, nihilismos sem reflexão, ensinamentos sem estética, aprendizados sem educador. Tudo precisa de uma ponte. Se o homem é uma ilha, o é porque lhe negaram a ponte. A construção não é de um só. É de todos.

Nestes extremos há a necessidade de uma ponte para tornar significativa a existência de ambos. Alguns extremos são opostos apenas pelo caráter físico que detêm. Mas não são extremos permanentes em sua concepção simbólica. Muitos se encaixam perfeitamente e é este atributo que justifica a dádiva da coexistência. A ausência de uma ponte que interfira decisivamente na construção simbólica ou não de elos representa a intransigência para operar soluções e, portanto, intensifica e materializa a distância. A ponte opera muito em ambientes dinâmicos, porque em ambientes estáticos não há margens que precisem ser aproximadas. A paralisia sufoca as virtudes e as potencialidades.

A proposta do professor como ponte é considerar a sua função revestida pelo amálgama constitutivo de seu ofício, ou seja, ele se traveste de elo eficaz que conecta o

aprendiz ao conhecimento que se promove, sempre mirando a redução dos espaços originalmente contidos na relação entre quem desconhece e o que só o professor até então domina. Seu papel é dar sentido às margens que se olham e não se põem em contato porque ausente está o fiel da balança, que media e lapida o que estiver desconexo ou desproporcionalmente exacerbado. A educação, por meio do professor, é e age assim: o meio justo para aproximar, de forma paulatina e sistematizada, os extremos, que ainda não se conhecem, mas sabem que se completam.

Um dia sem o professor representa não uma ponte mal construída, mas uma ponte construída pela metade, não importando de que lado prende-se, sem alcançar o seu objetivo primeiro que era tocar o outro lado, ou seja, sem o mestre para oferecer sua riqueza maior, a perda do aprendiz não se resume apenas àquele instante – porque para ser uma ponte representativa e segura ela tem que ser eterna, permanente, forte – mas ao futuro que se torna ainda mais distante quando o presente o assombra pela carência cromática do saber.

No contexto educacional, qualquer que seja o nível sob análise, o professor é a única e decisiva ponte para besuntar as extremidades, juntando e misturando: de um lado o aluno, que carrega consigo um rol variado de expectativas e do outro, o conhecimento, que é transposto didaticamente pela competência que tem o professor em promover a tradução adequada para a compreensão do seu auditório. Como assinala Perelman (2004), ora o professor é o auditório, ora é orador. Sob qualquer ângulo, é uma ponte, pois um não vive sem a presença do outro.

Na condição de orador veste-se de detentor do saber que será socializado oportunamente; na posição de auditório, encontra-se como repositório de discursos dos aprendizes que expressão domínio, crítica ou dúvidas sobre determinado tema. Isto tem um valor incomensurável em razão da repercussão da mensagem e as mensagens só reverberam quando uma ponte apta e hábil permite a lúcida absorção pelo receptor. A educação formal só é significativa e pugnante se intermediada pelo professor, que em hipótese alguma deve estar ausente.

O PROFESSOR IMAGINADO COMO O “CONSTRUTOR”

Em toda construção – social, política, econômica, psicológica, antropológica, cultural, material, financeira, etc. – um elemento é indispensável para firmar a solidez necessária para que a ideia seminal não desmorone. Trata-se do formador. O formador é aquele que intermedia as posições sempre efusivas entre os polos contrários; é quem catalisa as arestas pontiagudas dos pontos de vista; é quem atenua as emoções que brotam e vão muito além da flor da pele quando estiver em jogo a conquista ou a perda de espaço; é aquele que convida à reflexão e ao pensamento conciliador; é quem se traveste de aliança na difícil tarefa de apaziguar os corações; é quem, com habilidade e persistência, transita entre os que querem e os que desistem, entre os que inicialmente pensam e os que imediatamente realizam, entre os que mandam e os que obedecem, entre os que legislam e os que sancionam, entre os que sonham e os que morrem.

A imagem do professor como construtor designa a capacidade que este profissional dispõe para compensar as distâncias que naturalmente existem entre os indivíduos que participam do seu cotidiano, que com ele desenvolvem ou tentam desenvolver algum tipo de projeto que conceda o devido relevo à dedicação e à determinação peculiar que os pesquisadores têm. Qualquer pessoa no íntimo deseja ser competente, conforme asseguram Bouffard e Vezeau (2011, p. 31) ao afirmarem que

sentir-se competente é, sem dúvida, uma característica necessária ao bem-estar psicológico de cada um. A sensação de controlar os resultados de suas ações para agir com eficácia no seu ambiente parece contar entre as necessidades fundamentais do ser humano. As consequências dessa percepção são múltiplas: ela influencia os comportamentos, os desafios que se escolhe para enfrentar e, no final, o que se consegue fazer na vida.

É com este projeto em mente que o aluno ingressa nas universidades, sempre com a expectativa de que uma construção verticalizada – social, política, econômica, profissional – será desenvolvida enquanto vinculado, pois sabe – ou imagina saber – que as habilidades necessárias para enfrentar o mundo ou o mercado do trabalho²

² Para Oliveira (2011, p. 103), mundo do trabalho “engloba não só o conjunto de relações histórico-sociais instituídas, como também as que a escola, atuando junto a outros protagonistas (associações, sindicatos etc.), pode contribuir para instituir”, enquanto que mercado de trabalho representa uma “expressão típica do discurso empresarial”. Utilizando terminologia distinta, mas compreensível, Pedroso (2006) põe frentes antagônicas o mundo do trabalho e o mundo do capital, referindo-se ao segundo conceito o universo capitalista que teima em desumanizar as relações sociais, embora assevere ser o trabalho “[...] o meio universal de prover as necessidades do ser humano” (PEDROSO, 2006, p. 30). Na opinião de Rios (2011, p. 88) mercado de trabalho “é espaço de negociações, de embates, de competição,

dependem, além de desígnios pessoais, da intervenção do professor. Diferente da ponte, que atua no horizonte da distância, o professor-construtor intervém no sentido de catapultar a posição originária do aluno-aprendiz. O construtor torna a relação hígida.

Sobre o objetivo da escola como espaço apropriado para o desenvolvimento das intenções educativas, Farias *et al.* (2011, p. 11) firmam o entendimento de que “o professor delibera apoiado nas teorias e experiências que tecem seu compromisso com sua função social, posição forjada mediante a concepção que ele tem das relações entre escola, sociedade e conhecimento”, ou seja, a estreita imbricação que permeia a prática docente e o papel da universidade enquanto espaço de transformação remete à concepção comprovada de que conhecimento válido é aquele utilizado pelo sujeito que o angaria e não aquele acondicionado em memórias estanques, descaracterizando o sentido transformador da aprendizagem. Somente quem é competente tem autoridade para transformar os outros. Nas palavras de Le Boterf (2013, p. 60-61), é competente quem,

diante dos imprevistos e incertezas, em razão da complexidade dos sistemas e lógicas de ação, o profissional [que] sabe: tomar iniciativas e decisões, negociar e mediar, fazer escolhas, assumir riscos, reagir aos perigos, às incertezas ou danos, inovar a cada dia e assumir responsabilidades.

Sob a perspectiva contemporânea, que tende a desfigurar o sentido da proposta educativa, Canário (2014) entende que “cada ser humano está, desde que nasce, ‘condenado’ a aprender, ou seja, a atribuir sentido à realidade complexa em que se insere, fazendo-o a partir da sua história cognitiva, afectiva e social”. O pensador português invoca o significado que é verificado ao processo de amadurecimento do indivíduo, notadamente em termos educacionais, cujo maior relevo é a compulsória indução ao processo de aprendizagem, sem o qual os demais elementos que compõem a razão da sua subjetividade se tornam vãs.

de exploração. E, como todo espaço social, é marcado por contradições” e a universidade, em sua visão, deveria atuar preparando o indivíduo para o *mundo* e não para o *mercado*, embora Santos (2009, p. 162-163) afirme, reconhecendo a posição de Rios, que “a educação é concebida como um processo de produção para o mercado de trabalho preparando indivíduos flexíveis e competitivos”.

DÁ-SE O DEVIDO VALOR QUANDO SE PERDE?

O adágio popular, há muito reconhecido, “só se dá valor quando se perde” é perfeitamente cabível no contexto da presente análise, embora a renomada escritora Clarice Lispector adicione um condimento especial à tese avançada, ao afirmar que “Essa conversa de que a pessoa só dá valor quando perde não é verdadeira. Cada um sabe exatamente o que tem ao seu lado. O problema é ninguém acredita que um dia vai perder.” Em apoio ao pensamento da contista, talvez então esteja configurado que a falta efetiva do professor é que, de fato, designa o valor real de seu papel no contexto das transformações. Estar-se-ia diante de um perigoso dilema?

Todos reconhecem a relevância do professor em diversas relações – capital-trabalho; educação-trabalho; educação-emancipação; política-cidadania; criticidade-ideologia; reflexão-ação; conhecimento-atitude, etc. – e, no entanto, o valor que se lhe é reconhecido parece transitar fora do eixo de sua competência real, ou seja, dá mais valor ao professor quem está exogenamente ao ambiente escolar do que aqueles que vivenciam a batalha para proporcionar uma educação de qualidade que abranja os fatores indispensáveis à autonomia do sujeito que se forma.

Na acepção de Abbagnano (2012, p. 85), aprendizado ou aprendizagem representa a “aquisição de uma técnica qualquer, simbólica, emotiva ou de comportamento, ou seja, mudança nas respostas de um organismo ao ambiente, que melhore tais respostas com vistas à conservação e ao desenvolvimento do próprio organismo”. Produzindo uma interpretação livre de qualquer intenção axiológica, vê-se que o filósofo italiano relaciona a aprendizagem à necessidade de que o indivíduo atue em bases cambiantes com vistas a obter melhores respostas para assegurar a sua conservação ou o seu desenvolvimento.

A percepção da perda – do tempo, da energia, do empenho, da inteligência – de algo às vezes não tão bem definido caracteriza a valorização de outra vertente. Ao identificar que o tempo se diluiu e nenhuma conquista foi auferida enquanto partícipe em sala de aula, o indivíduo de fato reconhece que a maior perda não foi a do tempo exaurido, mas a do descaso com o professor, que em uma ausência simbolizada pelo desinteresse do aluno, que estava disponível para fazê-lo transgredir no cotidiano que não transforma.

A AGONIA DO PRESENTE FRENTE À IMPRECISÃO DO FUTURO

Como idealizar esta hipótese em um momento onde o presente dispõe de uma força desconstrutiva em relação ao passado – que deveria ser preservado como ponto de referência para as mutações culturais, sociológicas e políticas – e ao futuro – para onde se deveria direcionar as lentes da evolução? Para Lipovetsky (2004) o presente abduziu o futuro e sequestrou o passado como num passe de mágica, inferindo uma alegoria que explicaria as razões da hipermodernidade que desponta como o novo paradigma das transgressões e o momento em que as pessoas, temendo o pior, têm aberto mão da liberdade por uma segurança que se mostra cada dia menos adiável.

Para o autor (LIPOVETSKY, 2004), parece evidente que o presente conduzirá os comportamentos dos indivíduos – que ele reputa de anarquia comportamental – uma vez que a outrora prerrogativa particular em decidir os rumos de sua vida foi superada pela coletivização do destino, isto é, o domínio hodierno pertence àquele grupo que entende seu modelo de vida o mais apropriado, influenciando as pessoas a tomarem parte da corrente, sob pena de serem taxadas de desencaixadas na trama socioeconômica imposta. É oportuno resgatar o que pensa e recomenda o prosador espanhol Baltasar Gracián (2003, p. 43) sobre qualidade do ser humano:

Conhecer sua melhor qualidade. Deve-se cultivar a mais relevante e aperfeiçoar as outras. Todos poderiam triunfar se conhecessem seu maior talento. Identifique sua principal qualidade e dobre seu uso: em uns domina o discernimento, em outros a coragem. A maioria violenta sua capacidade e por isso não se destaca em nada. O que é exaltado rapidamente pela paixão será mais tarde desenganado pelo tempo.

Se os motivos que têm tornado o presente agonizante e apressado pudessem inferir a serenidade imposta a qualquer transição para um eixo adiante, poder-se-ia justificar o comportamento diletante dos indivíduos, ávidos por conquistas imediatas a fim de adiantar o passo em busca de bens materiais e simbólicos que resolvam os problemas em uma só ação. Mas a pressa nunca foi parceira confiável da precisão. Ela costuma trair a quem recorre a medidas mal planejadas ou irracionalmente estruturadas. Para conquistas pequenas, vale atropelar o professor!

Em dado momento, a pressa passa despercebida, não obstante o possível êxito do propósito primeiro, mas tende a deixar vestígios e rugas de ingratidão, infidelidade e indiferença, porque o seu principal alimento é o aqui-agora (LIPOVETSKY, 2004),

desimportando os efeitos nocivos de sua avassaladora travessia no curso de inúmeras vidas. A pressa foi feita para compensar determinadas carências contidas no conjunto de recursos de que dispõe o indivíduo. Quem corre alucinadamente em busca de algo ou de alguém, é porque se perdeu em algum momento, é porque deixou de planejar com retidão e zelo. Por isso que a educação não tem a mínima relação com a pressa, porque quem se abrevia na formação ou obtém uma semiformação (SILVA, 2008) elimina o tempo certo para a internalização do conhecimento. Quem abrevia a formação, amplia a ignorância, porque nenhum saber mal estruturado é capaz de facilitar a dura caminhada.

Nestas circunstâncias, o indivíduo se vê envolvido numa aura incentivada e naturalmente penetrável, porém habilmente preparada para aprisionar o sujeito em seu emaranhado ideológico. Quem ousa sair deste espaço estratégica e deliberadamente moldado, é um estranho (BAUMAN, 2001), pois os estranhos são todos aqueles que ousam desafiar o *status quo* dos grupos – minoritários ou dominantes – que, para assegurar posição, rejeitam os que pensam e agem de forma distinta. É o descarte do estrangeiro, o rejeito de quem tem identidade ideológica incompatível.

O professor, neste percurso teórico, não parece se revelar um estranho. Ao contrário, ele está submerso nas mais inimagináveis arenas onde sua maior virtude é se ajustar às condições reais ou libertar-se e tentar levar consigo as mentalidades que foram abduzidas pelo estágio jogado.

Na conjuntura atual, onde o hedonismo e o prazer repentino ditam a moda da ocasião (LIPOVETSKY, 2004), ninguém conseguiria justificar um dia que fosse sem: uma roupa nova, uma compra pelo impulso, um *chopp* gelado com os amigos no boteco do bairro, uma boa tragada no cigarro que “ameniza a tensão”, o combustível no automóvel, um tostão no bolso, o recurso do *WhatsApp*, uma mensagem inadiável de e-mail, um desviozinho do dinheiro do contribuinte, o sinal da TV a cabo. Mas a ausência do professor parece despercebido diante de tantas situações que se tornaram rotineiras e incorporadas no cotidiano como se um dia apenas sem os ensinamentos de um bom professor deixasse de importar no contexto anárquico-comportamental que os indivíduos atualmente vivenciam e convivem.

Possivelmente ninguém tenha pensado na repercussão promovida por um fato incomum, noticiado pela grande imprensa, de que os professores – todos eles, em todos os espaços e níveis da educação, em todos os países, em toda e qualquer cidadezinha,

mais longínqua que fosse, seja ele o professor recém-contratado, ainda vivendo os primeiros passos da difícil tarefa de educar, e também o decano, aquele que por tantas experiências e situações perpassou e detém vasta visão das engrenagens que move uma unidade escolar – decidiram parar o seu ofício por um mísero dia! Talvez desfazendo esta especulativa situação e tomando, de fato, uma posição mais efetiva, no sentido de tornar com efeito a hipótese avançada, recebessem os professores mais respeito e consideração.

Ao mencionar “todos” entenda-se sem excepcionalizar um sequer. Do político que verbaliza, em caravanas de bajuladores, a necessidade de valorizar o docente e tornar a educação realmente a ponte da redenção dos menos favorecidos, aos pais, que veem nos professores a solução para a educação originalmente cabível à família, dado que determinados valores são nesta esfera produzidos e estimulados seminalmente.

Não é incomum se reputar ao professor a chancela de único protagonista da educação formal do jovem e do adolescente, do futuro “doutor”. É evidente a importância do professor no contexto formativo de alunos nesta faixa etária, mas é indevido outorgar-lhe unilateralmente o rótulo de condutor exclusivo dos domínios do indivíduo que se tenta formar.

A formação está inserida em um contexto e, sob esta condição, é natural que aspectos dos mais variados componham a sua estrutura. O indivíduo, porém, não poderá prescindir, em sua trajetória de vida de vazios para poder compreender, pontes para poder compartilhar, chamadas para poder discernir, tempos para poder valorizar e construtores para conseguir se desenvolver. Ninguém em sã consciência é capaz de dispensar o professor no curso da vida, embora seja naturalmente possível considerar a sua ausência temporária um fato de menor relevância. Esta contradição precisa ser desfeita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja considerado tempo, ponte, vazio, chama ou construtor, cabendo-lhe, obviamente, outras concepções pelo caráter multifacetário que seu ofício detém, o professor se tornou parte indispensável em um contexto repleto de ambiguidades e contradições. Tornou-se o fiel da balança e o ponto de convergência de domínios antagônicos. É o elo que invoca a fortaleza e robustez da conciliação e do acordo explícito como condições para que as posições duais se harmonizem, em busca de

soluções cada vez mais agregadoras. Sob a atmosfera da intransigência e da mediocridade intelectual, o professor intervém para coibir os danos mentais, reformulando conceitos e ditando meios capazes de ressurgir o artefato útil da inteligência, seja emocional ou cognitiva. Encontra-se acorrentado entre o ser e o querer emotivos.

Ora, se emoção, etimologicamente, significa uma reação imposta por uma situação (iminente ou não), é sensato se admitir que não apenas um senso racional, mas um caráter sensitivo e emocional deve permear este caminho em direção à garantia do bem-estar das futuras gerações, porque quando pensa em futuras gerações o homem não desconecta o cordão umbilical que o une aos descendentes que pretensamente intenciona gerar. Ao ponderar tal circunstância, o aspecto coletivo emerge e coaduna com as intenções muitas vezes individuais, porém altruísticas, dentre as quais encontra-se a questão educacional.

Um dia sem professor representa o aprimoramento da insensatez emocional e, portanto, do empobrecimento dos espíritos, reduzindo sobremaneira as possibilidades de avanços em busca de relações mais igualitárias, harmoniosas e fraternas. Uma educação orientada à construção de relações duradouras reivindica a autoria do professor, portanto, exige presença. Um dia sem professor é um dia irrefragavelmente perdido e um dia perdido é um tempo enorme no contexto da curta vida que cada um de nós tem à disposição.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ARIELY, Dan. **A mais pura verdade sobre a desonestidade**: por que mentimos para todo mundo, inclusive para nós mesmos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

BACHELARD, Gaston. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. Sobre educação e **juventude**: conversas com Ricardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CANÁRIO, Rui. Pensar o futuro da educação. Disponível em: <http://jorgesampaio.arquivo.presidencia.pt/pt/biblioteca/outros/educacao/2.html>. Acesso em: 13 fev. 2015.

FARIAS, Isabel M. S.; SALES, Josete O. C. B.; BRAGA, Maria Margarete S. C.; FRANÇA, Maria do Socorro L. M. **Didática e docência**: aprendendo a profissão. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GRACIÁN, Baltasar. **A arte da prudência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MORGAN, Gareth. **Imagens das organizações**. São Paulo: Atlas, 2009.

OLIVEIRA, Renato. J. **A ética no discurso pedagógico da atualidade**. Niterói: Intertexto, 2011.

PEDROSO, Edilberto T. **Humanizar a administração**: com sabedoria e competência. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2006.

PERELMAN, Chaïm. **Retóricas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RIOS, Terezinha A. **Ética e competência**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Boaventura. S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SANTOS, Sônia R. M. Formação continuada: É possível formar para a profissionalidade docente? In.: BERNARDINI, Cristina H. **Docência**: desafios teóricos e práticos da profissão. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

SILVA, Monica R. **Currículo e competências**: a formação administrada. São Paulo: Cortez, 2008.

THERRIEN, Jacques. Autonomia, saber da experiência e competência no contexto da ética do trabalho docente. In.: CARVALHO, Antonia D. F. **Conversas pedagógicas**: reflexões sobre o cotidiano da docência. Teresina: EDUFPI, 2010.

Artigo revisado pelo autor.